

A QUARTA É DAS TRIBOS: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DOS FREQUENTADORES DE UMA PRAÇA LOCALIZADA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA.

Mikaylson Rocha da Silva¹

Caren Lenin Cordeiro²

Lacienne Karoline S. França³

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo observar e analisar como são construídas as diferentes formas de interação social entre determinados frequentadores de uma praça localizada na cidade de João Pessoa. Ademais, iremos vislumbrar o contexto socio-histórico e cultural desses grupos no espaço físico e social, como são distribuídos socialmente, como se dá a interação entre os grupos, e, sobretudo, analisar a influência das características sociais e funcionais exercidas por esse local na formação das identidades culturais pós-modernas.

¹ Mikaylson Rocha da Silva, Graduando do curso Bach em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mikaylson_rocha@hotmail.com

² Caren Lenin Cordeiro, Graduanda do curso Bach em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

³ Lacienne Karoline S. França, Graduanda do curso Bach em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

PALAVRAS-CHAVE: Interação Social; Grupos Sociais; Identidades Culturais; Pós-modernismo.

ABSTRACT:

This article aims to observe and analyze how different forms of social interaction are built among some frequenters of a certain square in the city of João Pessoa. Furthermore, we'll envision the socio-historical and cultural context of these groups in these physical and social space, how they are socially distributed, how the interaction among these groups happens, and especially to analyze the influence of social and functional characteristics carried by this place in formation of post-modern cultural identities.

WORDKEYS: Social Interaction, Social Groups, Cultural Identities, Post-modernism.

INTRODUÇÃO:

O presente artigo tem como objetivo observar e analisar as reuniões entre diferentes grupos e tribos que acontecem regularmente nas tardes das quartas-feiras em uma praça no centro da cidade de João Pessoa. Visando estudar estes grupos a partir de um contexto social, buscamos observar de que modo tais grupos se inserem nesse espaço, o porquê da escolha desse local e, sobretudo, analisar a influência das características sociais e funcionais exercida por esse local para a formação de novas identidades culturais nessa pós-modernidade

Para o desenvolvimento desse trabalho foi necessário algumas visitas à praça para que pudéssemos interagir com os nativos. Ou seja, para que pudéssemos fazer esse "encontro de olhares" entre *nativos* e observadores *etnógrafos*. Contamos também com a ajuda de uma *informante nativa* para facilitar a nossa introdução no campo de observação e a prática do método empregado por *Malinowski*, a observação participante.

Para que possamos entender o processo histórico da formação e da distribuição dos grupos pela praça e o porquê que cada grupo ocupa um certo espaço físico e social. Adotamos um método de observação etnográfico, que consiste em: observar a organização social e física de cada grupo; compreender o discurso e como são construídas as relações entre os diferentes nativos; como cada grupo age e como eles se

vêm; observar as interações como elas de fato ocorrem, do físico ao linguístico e ao simbólico.

O método de estudo de campo das diferentes sociedades, *etnografia*, consiste em interpretar, vivenciar, observar, os diversos fenômenos que ocorrem nas sociedades. Etnografar é criar um paralelo entre olhares, experiências, linguagens, discursos e vidas. É um típico encontro de olhares entre um "estrangeiro" e um "nativo", ou seja, é um encontro entre culturas, na qual, de alguma forma se relacionam, fisicamente, socialmente ou simbolicamente.

Nesse artigo, busco não somente explicar o contexto socio-histórico dos grupos frequentadores de uma praça no centro da cidade de João Pessoa. Mas, a partir da construção social das interações entre os grupos, que em primeira instância, tão distintos fisicamente, compartilham interesses, aspirações, e, até mesmo, algumas identidades comuns. O que une certos grupos sociais? A construção de linguagens e de um processo histórico similar? O que separa um grupo social de outro? As divergências de identidades? De culturas? Ou será que as assimetrias sociais, culturais e linguísticas causam essa distância?

1.1. A ENTRADA NO CAMPO DE OBSERVAÇÃO: COMO TUDO COMEÇOU.

A entrada no campo de observação foi introduzida por uma informante nativa, que desde 2005 vem acompanhando e participando desses encontros, em que aos poucos foram abrigoando novos grupos, novas identidades. Maria, a nossa informante nativa, que também é colega de um dos componentes do nosso grupo, foi quem nos conduziu e nos familiarizou com os demais nativos de outros grupos existentes durante esse encontro, que acontece toda quarta-feira.

Segundo a nossa informante nativa, uma das mais antigas frequentadoras dessa "reunião". Tudo começou em 2005, em um shopping popular no centro do município de João Pessoa, nas quartas-feiras, onde o cinema era mais acessível, pois os primeiros frequentadores eram alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas e particulares das redondezas do shopping. Observa-se assim que a escolha da quarta-feira como dia "oficial" para as reuniões teve relação direta com o preço das entradas de cinema no shopping. Os primeiros frequentadores eram: emos (dentre os emos,

existiam: homossexuais, lésbicas, bissexuais, heterossexuais, a maioria sendo estudantes); homossexuais, lésbicas, bissexuais, heteros e estudantes (que permutavam entre essas identidades).

Posteriori, esse grupo foi aumentando incluindo novos grupos e subgrupos, novas identidades e, conseqüentemente, novas formas de interações. Segundo a nossa informante nativa, a quantidade de pessoas foi aumentando à medida que os amigos de amigos iriam chamando mais amigos, acumulando e esticando o número de frequentadores.

Até o ano de 2010 esses encontros semanais ocorriam na praça de alimentação de um shopping. Porém, com o aumento do número de participantes nesses encontros, favorecido pelas cadeias de amizades existentes entre as várias escolas localizadas no centro da cidade, a administração do shopping percebeu que essas reuniões estavam se tornando um tanto inconvenientes, pois esses frequentadores consumiam nada, faziam muito barulho e “espantavam” os consumidores que se sentiam incomodados. Segundo a nossa informante nativa, a administração do shopping proibiu essa conglomeração de grupos, permitindo a presença deles apenas mediante o consumo. A administração do shopping proibiu de vez essa “reunião” e reforçou a segurança no shopping, em especial, na praça de alimentação, depois que houve uma grande briga entre “manos *(segundo a nossa informante nativa e outros frequentadores, os “manos” são representantes de gang’s de algumas comunidades distantes e próximas ao shopping, que vieram apenas causar “discórdia”)*.

Após serem expulsos do shopping, esses frequentadores procuraram outro local para ser a sede do novo encontro. Acostumados com o centro da cidade, onde eles estudavam, acabaram escolheram o pátio de um prédio classificado como patrimônio histórico cultural, localizado no centro e relativamente próximo ao shopping. Este novo local já era freqüentado por alguns outros grupos: Os metaleiros (a “galera” do “heavy metal”), os skatistas e também estudantes. Não tivemos a oportunidade de acompanhar esse processo de interatividade entre os “metaleiros e skatistas” e os frequentadores do shopping centro. Contudo, a nossa informante declara ter existido muitos atritos entre esses dois grandes grupos, pois os “metaleiros” tinham preconceitos contra os emos, gays, as lésbicas, os bissexuais. Ainda segundo a nossa informante nativa, só houve um entrosamento entre esses grupos através das drogas e do surgimento da tribo dos “andrógenos”. Os andrógenos eram além de estudantes, pessoas (homens ou mulheres)

e alguns, gays ou bissexuais, que vestiam roupas e capas pretas, cintos grandes, brincos e alargadores, também usavam cabelos pretos, vermelhos, azuis ou verdes, maquiagens pesadas que lembram os “góticos (uma vertente do rock’n’roll)”.

A bebida era uma forma de “unir” os grupos. As drogas no geral eram um fator que os relacionava enquanto grupos distintos, exercendo a função de proporcionar a partilha de momentos juntos. Os andrógenos, como descrevi acima, se vestiam de uma forma que dificultava saber se eram homens ou mulheres. Eles escutavam “heavy metal” e outras tendências do rock atual. Por gostarem de rock’n’roll e por serem amigos dos antigos freqüentadores do shopping centro, os andrógenos de alguma forma, conseguiram entrosar esses dois grandes grupos: os provenientes do shopping, os metaleiros e eskatistas.

Mais uma vez a super-lotação dos grupos em um só local chamou atenção dos administradores e por consequência o encontro nesse patrimônio histórico cultural também foi impedido, desta vez pela polícia, pois esses jovens se drogavam, se beijavam em um espaço público que recebia uma grande quantidade de turistas. Como solução, os dois grandes grupos se uniram de tal forma que decidiram migrar para uma grande praça próxima ao shopping e ao último local de encontros. A praça escolhida fica em frente a uma boate “GLS” que não funciona durante as quartas-feiras, mas segundo José, um estudante e frequentador do local, a boate representa um modelo de “liberdade de expressão” para o local, pois mesmo não funcionando durante as quartas-feiras, eles se sentem à vontade, livres para beberem, se beijarem e curtirem o momento entre amigos.

Depois de todo esse mapeamento histórico do caminho percorrido por estes jovens em busca de um espaço físico e social onde eles pudessem se sentir à vontade, chegamos à praça que é o destino final e atual local das reuniões. Segundo o nativo informante, as tribos decidiram se reunir na praça pela falta de um local onde pudessem fazer esses rituais sem serem coagidos pela sociedade.

1.2. DESCRIÇÃO: A PRAÇA E A DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS NO ESPAÇO FÍSICO E SOCIAL.

Esta praça fica em frente a um prédio público e a uma igreja católica bastante conhecida. É uma praça ampla com vários bancos distribuídos por toda sua área, estrutura essa que acabam servindo como um modelo de distribuição dos grupos. É uma praça pouco arborizada de estilo clássico dos anos 50. Nela encontramos postes de iluminação pública, cestos de lixo uma estátua de um ex-senador do Estado, localizada ao centro.

Por estar localizada no centro histórico, a praça é rodeada por casarões, que hoje são usados como pontos comerciais, salão de beleza, gráfica, boate, prédios públicos, boate de cunho GLS, lanchonetes, padarias e alguns prédios são desocupados. Na padaria próxima a praça os grupos compram lanches. Já as bebidas são compradas em um estabelecimento mais distante conhecido por eles como “a veia”. A bebida mais comum entre eles é o vinho que sempre é acompanhado nas reuniões por muita música, bate-papo e namoro.

Segundo informações do nativo os principais grupos ou tribos que frequentam a praça atualmente são os seguintes: metaleiros, “Punks”, “emos”, coloridos, góticos, travestis, drags, manos, lésbicas e o grupo dos neutros (que compreende as pessoas que não se encaixam em algum destes grupos citados ou que ainda não se inseriram neles). Dentre estes grupos existem mixagens podendo uma única pessoa pertencer a mais de um grupo como, por exemplo, ao grupo dos Punks e homossexuais, fato que comprova a complexidade das identidades destes frequentadores.

É muito interessante observar como estes grupos estão distribuídos na área total da praça. Os principais fatores responsáveis pela distribuição dos grupos na praça são a orientação sexual e os seguimentos do Rock. O grupo dos travestis, por exemplo, não possui espaço próprio definido, pois é um dos grupos que mais sofre preconceito por parte dos demais. Notamos que a homossexualidade se destaca em maior proporção nos grupos dos “emos”, “punks” e dos “góticos”. Já no grupo dos “manos” e dos “metaleiros”, prevalece a heterossexualidade. A questão da orientação sexual dos frequentadores da praça, além de ajudar a entender a distribuição das pessoas no local e serve como um dos fatores para a ligação e a união de varias tribos em um mesmo local.

Os grupos heteros se mantêm em bancos preferivelmente separados dos grupos homo. Os metaleiros se concentram em uma das pontas da praça mais precisamente no lado direito que é o mais movimentado. Relativamente distantes ou em bancos opostos

aos outros grupos os metaleiros quase nunca se misturam com os demais. O grupo dos góticos se localiza mais próximo ao grupo dos metaleiros do que dos outros grupos, porém em bancos separados. Os Punks e emos se distribuem na praça de maneira mais incerta de acordo com a disponibilidade de bancos, podendo se misturar ou se distribuir em locais separados. Em dias mais movimentados, quando os bancos estão lotados, as poucas árvores também são usadas como ponto de reunião de alguns grupos como, por exemplo, dos neutros e homossexuais. Contudo, os casais gays geralmente se distribuem ao longo da praça preferindo locais mais calmos, e menos movimentados, cada casal em um banco. O grupo dos “*manos*” fica em torno de uma estátua localizada no centro, que é a parte menos movimentada pelos demais grupos. Os “*manos*” como são chamados pelos demais, são atualmente o grupo mais marginalizado e temido, a presença deles causa, segundo nossos nativos informantes, inseguranças entre os integrantes das demais tribos.

1.3. DESCRIÇÃO DOS GRUPOS.

O modo de vestir desses grupos é uma dos fatos que mais chama atenção, e possivelmente, constituem formas de interação e compartilhamento gestos comuns. Os variados estilos servem para identificar cada grupo que se caracteriza de acordo com seu seguimento. O grupo dos *manos*, por exemplo, estão sempre de *quepe* cobrindo os olhos usam roupas de uma marca específica que por identificá-los passou a ser discriminada pelo resto da sociedade, bermudas e blusas largas, estão sempre com correntes largas e pingentes de crucifixos no pescoço. Os *manos* têm expressões e modos característicos, se tratam sempre por apelidos estão sempre usando “gírias”. Quando andam jogam os braços pra trás olhando sempre por debaixo do *quepe*. Dentro do grupo eles têm cumprimentos “especiais”, por exemplo, quando alguém do grupo chega é sempre cumprimentado por um “e aí, mano!” e um aperto de mão diferenciado. Os *manos* são um dos grupos mais fechados e que menos interage com os demais.

Os travestis mesmo que seja em pequeno número também marcam presença na praça, eles não se inserem nos demais grupos já que os outros não os aceitam. Eles se vêem como mulheres e não aceitam que sejam comparados com homens. Se vestem como mulheres, salto alto, calça jeans bem colada, ou saínhas curtas, blusas decotadas,

unhas pintadas e bem feitas, cabelos longos e lisos e maquiagem forte, falam com a voz fina, rebolam quando andam se comportam como uma mulher.

As drags por sua vez, apesar de se vestirem de mulher, se comportam de maneira diferente dos travestis. Não passam o dia vestidos de mulher e se vestem de maneira bem mais "caricata" e teatral do que os travestis. Muitos dos que frequentam a praça são drags por profissão, se vestem de mulher por que fazem shows ou fazem algum tipo de trabalho, para eles isso é um ganho pão. As drags, por serem desenvoltas e algumas até "humoristas", são responsáveis pela união entre os gays "assumidos" e os "não assumidos". Elas também têm um contato mais próximo com os "manos". Repassam para os demais grupos a informação de que eles vendem drogas, tornando-se assim um intermediário entre os grupos que fazem utilização de drogas como *maconha, lóóló, craque* entre outros, e os que estão lá para comercializar estas drogas.

Os andrógenos são os que fazem a interatividade entre os diversos tipos de "roqueiros", sem preconceito, entre "gays" "bissexuais" "lésbicas" e etc. Pelo fato de não se inserirem em um grupo específico os andrógenos circulam entre as várias tribos. Eles se vestem da mesma maneira que o grupo em que circulam se vestem, porém, o fato de não terem uma sexualidade definida, ou melhor, de não mostrarem uma sexualidade definida, o modo de se revestir acaba confundindo aqueles que olham de fora. O fato de terem características femininas e se vestirem como homens não faz obrigatoriamente deles gays ou lésbicas, pois alguns andrógenos são heteros. Por isto acreditamos que a identidade seja a maior arma de interação entre esses grupos, visto que, mesmo agrupados, eles de tal forma, possuem identidades semelhantes.

As "mariconas", como são chamados pelos integrantes dos outros grupos, são gays mais velhos entre os 30 e 50 anos que vão a praça para tentar "pegar" alguém. São homens bem-sucedidos que tem certa estabilidade financeira e que frequentam a praça à procura de alguém mais jovem. Por serem mais velhos, as "mariconas", não conseguem se enturmar, o que os fazem permanecer em bancos afastados ou dentro dos carros esperando o momento certo para se aproximar.

Além dos grupos descritos acima existem aqueles que em maior número ocupam uma área maior da praça, geralmente aqueles que migraram de outros locais do centro como, por exemplo, os emos, homossexuais, lésbicas, bissexuais, heteros, estudantes, metaleiros, eskatistas, punks e góticos. Esses grupos, assim como os

demais, apresentam características individuais e construídas entre eles mesmos. Percebemos que deles foram surgindo vários outros grupos, ramificações. Apesar de se encaixarem em um grupo próprio, os homossexuais também estão inseridos em outros grupos, como por exemplo, nos emos, punks e góticos.

Como já foi dito anteriormente os rocker's deram origem à varias outras tribos que com o tempo adquiriram características e modos próprios, contudo apresentando algumas semelhanças entre si. Os punks apresentam um estilo "agressivo", apresentam um modo de se vestir bem "chamativo" com a utilização de lenços no pescoço ou à mostra no bolso traseiro da calça, calças jeans rasgadas, calças pretas justas cheias de tachas e metais, jaquetas de cores com desenhos nas costas, usam ainda vários acessórios como posseiras, piercings, brincos e cintos, seus cabelos são coloridos e espetados cortados no modelo moicano. Seu estilo musical é o punk-rock. Os metaleiros escutam outra vertente do rock, o heavy-metal, suas roupas são, em grande maioria, pretas e bem surradas, camisas com imagem de bandas de heavy-metal, cabelos longos, coturnos, calças jeans rasgadas e, diferentes dos outros grupos, não costumam usar maquiagem. Os góticos por sua vez, estão sempre de preto, com o rosto maquiado geralmente com uma camada branca e os olhos bem delineados de preto, alguns usam capas pretas e estão sempre com uma fisionomia triste e melancólica escutando musicas com letras tristes e como a própria informante nos descreveu, eles apresentam um "ar sombrio".

A tribo dos emos ou "coloridos", como também são chamados, é o grupo representado pela menor faixa de idade. É possível ver jovens de até de 11 anos de idade. Estão na maioria das vezes de preto mais sempre com algum acessório de cor forte, seja o sapato ou ate mesmo o cadarço dos tênis que são quase sempre de uma mesma marca. Eles usam os cabelos estirados com uma franja caindo no rosto. É comum ver entre seus integrantes uma constante troca de carinho e por ter vários homossexuais no grupo é normal ver meninas se beijando. A linguagem deles também é bastante particular, se apresentam como o grupo mais tímido e sentimental. Eles tiram fotos estirando a língua e às vezes fazendo corações, falam, muitas vezes, como escrevem na internet: usando a linguagem do "x", exemplo: *voxê, meus, coraxão*.

Os demais grupos que se encontram na praça são formados por estudantes que estão lá para curtir, beber e muitas vezes usar drogas, já que é algo que circula com

certa facilidade entre os grupos. Alguns desses estudantes são classificados de maneira pejorativa pelos demais. A utilização de drogas lícitas e ilícitas foi observada em vários grupos e vale salientar que muito dos usuários são menores de idade. Eles têm sempre a mão alguma bebida, seja ela vinho ou mesmo cachaça como também cigarros e outros tipos de drogas.

2.1 IMPRESSÕES GERAIS SOBRE CADA GRUPO.

Como diria *Malinowski (1976)*: "Os nativos não estão preocupados sobre quais impressões você tem ou não a respeito deles", em seu estudo sobre: objeto, método e alcance de pesquisa. Nós, observadores etnógrafos, que devemos despertar essa "boa impressão" e conquistar a confiança dos demais. Bem, impressões eu tive e até demais. Antes, durante e depois da nossa ida ao campo de observação.

Antes de adentrar ao campo de observação, eu tive uma breve conversa com a minha amiga e informante nativa. Já havia meses que eu não a via, e durante a nossa conversa, percebi que ela já não era mais a mesma de alguns tempos atrás. Aquela Maria "moleca", "rebelde" e até mesmo meio "maluca", que usava roupas "masculinas", como ela mesma diz hoje ter sido assim, já não existia mais. Quando ela gritou: "Mika!", olhei para trás e mal a reconheci. Ela estava muito diferente: sem seus piercings, sem a sua bandana na cabeça, e ainda estava usando "saia!", coisa que eu jamais tinha visto ela usando. Isso me deu ânimo e interesse em estudar essas "tribos" que frequentam essa praça toda quarta-feira. Daí, decidimos estudar essa reviravolta de identidades presente nas nossas identidades de hoje em dia; o porquê que eles escolheram essa praça, o contexto histórico e social desses grupos; além de enfatizar as interações entre eles, e também por não existir nenhum estudo sobre eles aqui em João Pessoa.

Já dentro do campo de observação, logo de início, algumas tribos chamaram a minha atenção: os "emos", que ao meu ver, se apresentam hoje um tanto diferentes dos "emos" de antigamente. Digo diferente, pois já tive colegas "emos" que estudavam comigo no ensino médio, e eles se vestiam menos "coloridos" e mais "dark" do que os "emos" de hoje em dia. Porém, acredito que as características, não só estéticas, mas também internas, devem ter mudado ao longo dos tempos. Pois a identidade cultural nessa pós-modernidade é efêmera, ou seja, está em constante mudança.

Outro grupo que me chamou bastante a atenção foi o dos "andrógenos". Chamaram a minha atenção, não só pelo fato de ser difícil diferenciá-los e saber se são "homens" ou "mulheres", mas por usarem hoje em dia roupas, acessórios, e maquiagens similares as dos "emos" e dos "góticos". Também me chamou muito a atenção, a forma como eles são distribuídos no espaço: ora próximos aos "metaleiros" heterossexuais, ora próximos aos homossexuais. O que me chamou a atenção nessa distribuição social pelo espaço, não foi o fato deles estarem próximos e entre pessoas de orientações sexuais diferentes, mas porque pelo contexto descrito pela nossa informante nativa, eles representam a "união", ou seja, um conectivo entre grupos que antes se odiavam e hoje se respeitam e compartilham momentos juntos.

Sobre os pré-adolescentes e crianças, se é que assim posso chamar os indivíduos entre 10 e 12 anos. Confesso que fiquei muito chocado em vê-los bebendo, fumando e se beijando. Eu me senti mal, estranho, diante dessa situação horrenda. Há outros grupos que também chamaram a minha atenção: as "Drag Queens" e as "travestis", que diante de uma observação superficial, achei que fossem todas iguais. Mas não, observando-as densamente, percebi que as "Drag Queens" são homens que não se importam de serem chamados de homens, enquanto trajados de "homens", mas odeiam ser chamados de "homens" quando estão de "Drag Queens". Elas fazem, à noite, uma espécie de homenagem às mulheres, mas de dia se vestem como homens. Enquanto as "travestis" se vestem, se sentem e vivem como mulheres todos os dias e o dia todo. Após a ida ao campo de observação e depois do breve convívio com alguns nativos, foi que percebi como eles vivem, se sentem e se olham.

E por fim, logo de início, outro grupo que achei um tanto inusitado a presença dele na praça foi: os "manos", que segundo a nossa informante nativa, são representantes de "gang's" que ficam próximas às redondezas do centro da cidade. Para muitos nativos de diversas "tribos", eles representam uma ameaça, medo. Pois, às vezes usam armas de punho e de fogo, e isso gera um medo constante. Eles foram o último grupo a se inserir nessa praça, chegaram meio que de "penetra", como muitos relataram, e acabando por gerar uma discórdia e fragmentação entre as pessoas. Eu senti esse medo, essa impressão que eles passam, quando eles nos viram e ficaram nos encarando. Confesso, que não muito diferente dos nativos, eu tive medo de haver brigas ou assaltos. Mas graças a Deus, tudo deu certo.

Enquanto pesquisador etnógrafo, as minhas impressões sobre determinados grupos sociais, os quais eu mal tinha contato antes desse exercício de encontro de olhares, eram de que determinados grupos, se vestiam, se comportavam, de tal forma, pois queriam às vezes, "aparecer". Mas essas impressões foram mudando ao longo do convívio, e percebi que antes de serem tais "identidades" e "rótulos", como muitas pessoas os chamam, eles são pessoas, são seres humanos, dotados de sentimentos, aspirações, medos, assim como nós. Todo observador etnógrafo deve se desprender dos julgamentos de valores e da visão etnocêntrica. E isso é simplesmente incrível, digo, não somente estudar esses grupos, mas entendê-los, interpretá-los da forma como os vemos e da forma como eles são construídos, agem, vêem e se vêem.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

O exercício de etnografia é muito mais que uma mera observação e interpretação de outras culturas. É pôr em cheque a nossa cultura, nos identificar como tal em detrimento de outras culturas. Etnografar é viver, sentir, falar e interpretar o "estrangeiro" da forma como os vemos e da como achamos que eles nos vêem.

Para Malinowski (1976), fundador do funcionalismo britânico e um dos grandes teóricos da observação participante. fazer etnografia é descrever uma cultura, sendo o objetivo do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos seus nativos. E, apesar deste tipo de aproximação ser usual dos antropólogos que procuram estudar sociedades primitivas e culturas exóticas, Malinowski sugere que ele é uma ferramenta útil para a compreensão do modo como outras pessoas vêem a sua experiência, devendo ser encarada mais como uma ferramenta que permite aprender com as pessoas, do que um utensílio para estudar essas pessoas. Porém, durante esse exercício de encontro de olhares, é necessário tanto o íntimo contato com o nativo, como também uma distância dele, pois o pesquisador etnógrafo precisará se distanciar em algum momento dos nativos, ou seja, da esfera do campo de observação, pois, segundo ele, o observador só é capaz de observar o seu meio e a forma como ele está inserido nele, quando ele se desprende do campo de ação.

Durante esses meses de observação, percebemos como foi primordial o auxílio da informante nativa, não só como meio de adquirir informações e dados relevantes para

a nossa pesquisa, mas também pelo fato de ter nos ajudado a entender como aquele contexto social e cultural tão complexo é enxergado pelos olhos do próprio nativo. Através da nossa informante nativa, conseguimos compreender todo o contexto histórico até o momento em que eles chegaram à praça, como acontecem as interações entre os grupos, como são construídas as linguagens e etc.

Para Malinowski, o que significa estar em contato com os nativos? Segundo o autor, para o etnógrafo, significa que a sua vida no campo de observação, no começo é uma estranha aventura, por vezes desagradável, tediosa e por vezes interessantíssima e logo o etnógrafo adquire um caráter natural de plena harmonia com o ambiente que o rodeia.

Para compreender melhor os objetivos de Malinowski (1976), é preciso uma observação mais apurada sobre os diferentes caminhos propostos por ele para a pesquisa etnográfica. O primeiro refere-se à busca pela organização da tribo e pela anatomia de sua cultura, que devem ser delineadas através do método da documentação concreta, já que o objetivo fundamental da pesquisa de campo é delinear o esquema básico do convívio em seu meio. Por isso, torna-se importante observar todos os aspectos da cultura nativa e anotar o maior número possível de manifestações concretas do que é observado em um diário de campo

Para Malinowski, outro papel fundamental do observador etnógrafo, é interpretar e descobrir os modos de pensar e sentir típicos correspondentes às instituições e à cultura de determinado grupo. É primordial que o observador adquira esse espírito participativo para que ele possa sentir as sensações que os nativos sentem e poder interpretá-las em sua etnografia.

.Em Geertz (1989), a cultura é essencialmente interpretativa e ele a define da mesma forma que Marx Weber, sendo “*como uma teia de significados construída e tecida pelos próprios homens, de modo que a antropologia apresenta-se como uma ciência interpretativa que está à busca destes significados*”. Para que esta análise seja possível, o antropólogo deve ter em mente que o objeto da etnografia é uma hierarquia estratificada de estruturas significantes, de tal modo, que as diversas situações e relações sociais devam ser percebidas e interpretadas.

A etnografia é considerada uma descrição densa por englobar uma multiplicidade de estruturas complexas que o antropólogo deve apreender e apresentar.

De acordo com Geertz (1989), fazer etnografia é como “construir uma leitura” de um manuscrito estranho, que possui incoerências e exemplos transitórios. Após a investigação do universo pesquisado, o antropólogo sistematiza as informações coletadas sobre os informantes, de modo que os textos finais não são mais do que interpretações de “segunda e terceira mão”, pois somente um nativo seria capaz de interpretar a sua cultura em “primeira mão”. São, portanto, ficções, por serem construídas pelo antropólogo.

A tarefa do pesquisador é dupla, pois envolve tanto a descoberta das estruturas conceituais que informam os atos e os discursos sociais dos sujeitos como engloba a elaboração de um sistema de análise capaz de interpretar as informações obtidas. A interpretação dos sistemas simbólicos dos nativos é um elemento central para a produção etnográfica, dada a complexidade que os sujeitos apresentam, na medida em que inventam e renegociam os papéis que desempenham em sua cultura. Assim, a descrição etnográfica apresenta como princípio a interpretação dos discursos sociais e a análise dos mesmos.

Com relação a esses sistemas simbólicos enfatizados por Geertz, pudemos identificar que o caráter de liberdade de expressão é exaltado na praça pela existência de uma boate de cunho “GLS”. Ou seja, a boate, mesmo estando fechada no dia das reuniões (quarta-feira), se apresenta para os nativos significando o direito à liberdade nesses rituais. A boate passa a ser o símbolo comum entre todas as tribos por proporcionar ao ambiente um clima liberal, festivo propício a realização desses encontros. Já para as pessoas que não compreendem essa relação, a boate não passa de um prédio, ou de um monumento histórico que serve atualmente como ponto comercial. Observamos assim, a existência da pluralidade de significados mediante a uma leitura "superficial" e posteriori construída pelos diversos olhares e atingindo um grau de complexidade de uma leitura mais simbolista, ou "densa".

Essa possível crítica que Geertz faz a Malinowski concerne no fato de que, para Malinowski, o observador etnógrafo deve não somente se ater às relações e às funções em si, mas como os nativos falam e pensam sobre eles mesmos. E para nós, etnógrafos, nos resta o papel de interpretar a cultura nativa a partir da visão dos nativos, ou seja, como ela de fato é. Porém, para Geertz, esse exercício de se sentir "nativo" é balela, pois, o máximo que um observador (durante anos de estudos de uma determinada cultura) consegue: é interpretar a cultura e sistematizá-la de "segunda ou terceira mão".

Em uma descrição densa, Geertz vislumbra sobre as variadas formas de enxergar e interpretar fenômenos culturais. Às vezes, descrevemos algo "superficialmente", ou seja, não olhamos para o íntimo dos diversos significados que o acontecimento possui. Para explicar essa diferenciação entre "descrição densa" e "descrição superficial", Geertz compara três possíveis piscadelas: em uma descrição superficial, as três piscadelas são apenas piscadas, o ato voluntário ou involuntário de piscar. Em uma descrição densa, essas piscadas não são apenas piscadas, pois têm vários significados. Podem querer dizer: piscar (um tique nervoso); piscar (um ato conspiratório); piscar (uma imitação ou ensaio) etc.

Levando em consideração esses conceitos para a nossa análise de campo, podemos ver alguns momentos em que interpretamos algo superficialmente e densamente. Assim que fomos introduzidos no campo, um dos primeiros grupos que vimos, foram os "emos". Sabemos que uma das características mais marcantes dos "emos" é a timidez. Assim que entramos no campo de observação, percebemos que eles nos olharam de uma forma que ficamos a nos perguntar o que eles estavam pensando sobre a gente. Nesse olhar, mesmo visto sob nossas impressões, são possíveis interpretações. Superficialmente, esse grupo de aproximadamente sete a oito pessoas poderia ter nos olhado de uma forma qualquer e única, como sendo "apenas o ato de olhar". Densamente, esses olhares, sem dúvida, tinham vários significados. Um dos nativos do grupo dos "emos" poderia ter nos olhado e ter pensado "Quem são eles?", outros olhares poderiam dizer "eu conheço eles de algum lugar..." e etc.

A estratégia de Geertz para responder a esta questão está relacionada à constante busca antropológica para se enxergar o mundo segundo o ponto de vista nativo. Segundo o autor, através da captura de conceitos que são como "experiências próximas" para outros indivíduos poder-se-ia tentar esclarecê-los a fim de articulá-los aos conceitos de "experiência distante", que são criados teoricamente para a compreensão da vida social. Neste sentido, Geertz acredita que o antropólogo deve descobrir os significados atribuídos pelos nativos às suas práticas e representações. Tarefa esta dificultada pelo fato do etnógrafo só captar parcialmente o que os outros percebem, por isso deve haver uma constante busca de entendimento das categorias nativas e uma articulação com os conceitos criados cientificamente.

Para podermos entender o contexto das identidades culturais nesse mundo pós-moderno, farei conexão a Zygmunt Bauman, tentando explicar como essas identidades

no mundo pós-moderno têm se tornado cada vez mais efêmera. Em Bauman (2005), A liquidez é a metáfora que ele utiliza para explicar o sentido da pós-modernidade. A crise das ideologias fortes, “pesadas”, “sólidas”, típicas da modernidade produziu, do ponto de vista cultural, um clima fluido, líquido, leve, caracterizado pela precariedade, incerteza, rapidez de movimento.

“Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...] Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la”. (Bauman, 2005a, p.8).

Para Bauman, o amor, as relações sociais e as identidades nesse mundo pós-moderno são marcadas pela liquidez, pela sua rapidez de transformação. A identidade cultural, tema que mais me interessa nesse momento, é para Bauman, assim como a cultura elaborada na pós-modernidade, na qual tudo flui de um jeito extremamente rápido, de uma forma que, aquilo que era certo ontem, hoje não é mais. Neste mundo líquido, assistimos a algumas passagens importantes, que marcam o novo clima cultural. A primeira passagem é de uma vida segura para uma vida precária. A vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza.

Em nossa produção etnográfica, o que mais conseguimos interpretar das diversas culturas em que tivemos um breve contato semanal durante esses vinte dias, foi essa presente identidade líquida pós-moderna, que se caracteriza por ser efêmera, ou seja, sujeita às crises de ideologias fortes “pesadas” e “sólidas” e às mudanças repentinas. Durante o convívio com os nativos, percebemos que essas identidades que eles e nós possuímos ao longo de nossas vidas, são identidades frágeis, efêmeras, sujeitas à mudanças. Às vezes, essas mudanças de identidade são tão rápidas que nem nos damos conta, e muitas vezes não apenas nós não percebemos, mas outras pessoas “de fora” também não percebem.

Para explicar isso, temos como exemplo, a nossa chegada ao campo de observação e introduzida pela nossa informante nativa “Maria”, que já conhecia um dos componentes da nossa equipe, contudo de pouco contato com este. Antes da entrada no campo, nós conversamos com a nossa informante nativa, e um dos componentes do grupo observador que já a conhecia percebeu que ela já não era mais a mesma de um

tempo atrás. Ela se definia há um tempo como sendo uma "moleca", a qual se comportava de um jeito "rebelde", vestindo roupas um tanto "masculinas" e andando com todos esses grupos sociais existentes nesse dia de quarta-feira, em 2010. Segundo ela, a sua vida passou por uma reviravolta, pois de um tempo para cá, ela começou a se perguntar: "O que eu tenho feito da minha vida? Essa vida de "molecagem" não tem me trazido nada, exceto angústia, mais revolta, preconceito e problemas familiares...". A partir dessa reflexão ela percebeu que essa não era uma vida que ela gostaria de levar. Ela queria mudar de vida, de identidade, ser uma nova "Maria", aceita não só pela sociedade, mas também pela sua família.

Se a modernidade oferecia um leque de ideologias fortes, que produziam uma segurança existencial nas pessoas que nelas confiavam, neste mundo líquido não é mais assim. O desmoronamento das metanarrações da modernidade trouxe consigo a perda de pontos referenciais válidos, que pudessem oferecer segurança na vida das pessoas. A precariedade, de agora em diante, tornou-se não apenas um dado cultural, mas, sobretudo, social, porque não foram apenas ideologias a desmanchar, mas também estilos de vida, costumes. Foi exatamente isso o que aconteceu na vida da nossa informante nativa: um desmoronamento de metanarrações e ideologias fortes e pesadas, seguidas de mudanças no estilo de vida e nos costumes.

. Outra passagem que marca a modernidade líquida é a seguinte: de uma sociedade que acredita na eternidade para uma que vive a infinitude. A eternidade é, sem dúvida, um conceito de cunho religioso que, do ponto de vista filosófico, pode ser colocado entre as ideologias que a modernidade assumiu e que, ao mesmo tempo, orientou a vida dos homens modernos. A infinitude é o tempo presente protelado, esticado. "O dia de hoje pode-se esticar para além de qualquer limite e acomodar tudo aquilo que um dia se almejou vivenciar apenas na plenitude do tempo." (bauman, 2005b, p.15). Não se fala mais de valores eternos, mas sim de eventos que se repetem no tempo. Também porque os valores eternos são fundamentados sobre aqueles princípios metafísicos que, na pós-modernidade, não encontram mais espaço.

Na análise de Bauman, duas características fazem da modernidade líquida algo de novo e diferente, comparado ao modelo cultural anterior. A primeira é o desmoronamento da antiga ilusão moderna, ou seja:

Da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um tólos alcançável da um dança histórica, um

Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa...da ordem perfeita em que tudo é colocado no lugar certo [...] do completo domínio sobre o futuro (Bauman, 2005a, p.37).

Talvez seja este o sentido mais profundo, do ponto de vista filosófico, da metáfora da liquidez, que Bauman analisa em várias circunstâncias. A sociedade líquida não desceu do céu, não se produziu do nada, improvisadamente, mas foi o fruto maduro do desmoronamento da modernidade, ou seja, do processo do derretimento dos sólidos formados e elaborados na modernidade.

Para a Professora e Antropóloga da Universidade Federal da Paraíba, Mônica Franch, estudar os diversos grupos e suas interações em espaços públicos, requer não somente um olhar voltado ao simbólico, ao pós-modernismo, ao pós-culturalismo e ao construtivismo, mas principalmente como tais grupos se sentem e agem em espaços públicos e privados. Mônica pensa o universo simbólico urbano das cidades, a partir da cidade de João Pessoa, e o da cidade, a partir dos bairros/praças em questão. Elas são, portanto, como um estudo de caso, com base em uma etnografia, cujos resultados envolvem interpretações sujeitas, *ipso facto*, a uma contínua atualização.

Lefebvre (1991) defende a possibilidade de transformação e mudança social a partir do próprio cotidiano. Lefebvre estende essa possibilidade para todos os indivíduos, mesmo que a partir de coletividades, o que estimula a ideia de movimentos sociais, movimentos culturais e grupos urbanos. O que o autor e a antropóloga Mônica querem dizer, é que, esse tecido urbano se apresenta de forma fragmentada, tecendo a seletividade variada de grupos, culturas e movimentos sociais presentes em espaços públicos mistos, que mesmo por razões particulares, promovem a sociabilidade entre si. O que não ocorre diferentemente dos grupos sociais que decidimos aqui abordar.

Já discutimos aqui teoricamente questões sobre a forma como participamos enquanto observadores etnógrafos; as diversas leituras construídas ao longo do convívio; as identidades culturais sólidas e efêmeras da pós-modernidade, e como todas essas possíveis explicações ou interpretações teóricas se articulam num ambiente público e privado das sociedades. Por fim, iremos discutir um pouco sobre como as

interações ocorrem entre os grupos, sob uma perspectiva construtivista do discurso e da regras.

Não é fácil estudar as sociedades e as culturas que nelas existem. Muitas vezes nos atemos às perspectivas mais positivistas, exatas, concretas, ou seja, imutáveis. Por isso que se torna cada vez mais difícil estudar as relações sociais, pois tentamos moldar e sistematizá-las, daí caímos num puro reducionismo teórico. Para que possamos entender a complexidade dos fenômenos sociais, devemos levar em conta a sua história, como essas relações foram construídas historicamente e discursivamente.

Em uma sociedade, vivemos em mundos e mundo. Mundos que nós mesmos fazemos e o criamos. Mundos do nosso fazer. E todos nós vivemos em um mesmo mundo regido por regras e normas construídas por nós, agentes da construção. A perspectiva construtivista é baseada no seguinte pressuposto: de que nada é natural e comum, tudo é fruto de um processo de integração de construção entre agentes e estruturas. O mundo não é dado *a priori*, ele é construído socialmente.

Para Nicholas Onuf (1987), as relações sociais são baseadas em regras discursivas da comunicação. Tudo é construído pela comunicação, pelas redes de relações sociais. Vivemos numa imensa rede, seja ela cultural, econômica ou política, o fato é que todas as relações que permeiam o âmbito social, são relações baseadas na comunicação. Para ele, comunicar não é apenas um processo de articulações de voz, comunicação é o que move a história, a fala, o agir, o sentir, ou seja, as relações entre agentes e estruturas. Daí, criamos as interações e o mundo.

É claro que para existir uma interação social entre grupos tão distintos, como estes que aqui explano, existem outros mecanismos, compartilhamento de afinidades, trocas, escolhas, oportunidades e etc. Porém, o compartilhamento e o sistema de troca é baseado em códigos, em funções, ou seja, na comunicação. Sem comunicação não é reciprocidade, sem reciprocidade não a garantia da isonomia dos pólos comunicacionais, e sem a reciprocidade e sem a linguagem, não há comunicação nem interação social.

A interatividade entre os grupos dispostos na praça só é possível através do entrosamento, do compartilhamento e da troca de identidades, ou seja, através da comunicação. Tudo bem que nessa praça há grupos mais comunicativos, e que, promovem a interação entre os demais. Porém, o que os construtivistas alegam, é que a

interação social, assim como qualquer outro tipo de interação, é fruto da construção histórica entre agentes e estruturas. O convívio, o processo histórico de cada um, a língua, as trocas, o espaço físico e social, as amizades, as oportunidades, tudo é construído e promove a interação entre os grupos.

A não integração total entre os grupos pode ser, em parte, explicada pelas possíveis regras e normas que regem as estruturas psíquicas, históricas e sociais dos agentes da construção. Para Wendt (1999), o que promove as interações na construção é a intersubjetividade. O foco é na interação intersubjetiva, ou seja, há um pressuposto construído entre os agentes de que eu não devo me aproximar ou me entrosar com "tal pessoa" pelas políticas sociais, sólidas presentes na estrutura do meu "mundo". A intersubjetividade é, em geral, um entendimento comum, um pressuposto estabelecido, que *a priori*, pode ser co-construído, ou seja, modificado pelos agentes.

Durante a pesquisa de campo, percebemos que mesmo em um mesmo mundo "a praça", existiam grupos desconectados da interação, ou seja, grupos que não promoviam a comunicação com todos. É complexo explicar o porquê, mas estamos sempre à busca dele. Para alguns construtivistas, a interação não foi possível por não haver uma rede recíproca de comunicação. Para outros, a interação é muito mais que comunicação, são regras construídas socialmente pela intersubjetividade coletiva, e a falta dela ocasiona a falta de interação social.

4. CONCLUSÃO.

Percebemos que o tema, aqui abordado em nosso artigo, é de total relevância científica, não apenas pelo fato de não existir estudos voltados a esses jovens aqui em João Pessoa, mas porque é um tema complexo, que envolve não apenas a questão da construção de identidades pós-modernas líquidas, mas também por abordar grupos tão distintos, que, de alguma forma compartilham costumes, aspirações e momentos juntos.

Achamos também relevante não somente abordar a questão da identidade cultural nessa pós-modernidade em que vivemos hoje. Mas entender e interpretar o convívio com os nativos, examinando a construção histórico-social desses grupos, como também a forma como eles estão distribuídos no espaço social e físico e como são construídas as interações sociais entre eles.

Conclui-se que a praça possui nas quartas feiras a função social de amparo a esses grupos sociais geralmente excluídos da sociedade, que vagam sem espaço próprio, mas que encontraram neste local um refúgio, um "porto seguro" para praticarem sejam seus rituais, ou momentos. Os encontros são uma maneira dos integrantes desses grupos encontrarem uma forma de se expressar, se relacionar com seus amigos, e também, é onde eles encontram a sua "diversão".

A praça funciona também como um poço de identidades, onde os jovens mais propensos às variações das identidades podem trocar experiências. O que une as tribos são basicamente: as drogas (em alguns casos); as semelhanças intrínsecas entre os nativos; o fluxo constante de informação e de amizade e dentre outras formas de interação social construídas ao longo do convívio. O que buscávamos era tão somente estudar e interpretar esse espaço físico e social tão cosmopolita que está tão perto de nós e não percebemos a sua complexidade.

5. REFERÊNCIAS.

- BAUMAN, Zigmunt. (2008). **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 20
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005c.
- FRANCH, Mónica; QUEIROZ, Tereza. (org.) **Da casa à praça: um estudo da revitalização de praças em João Pessoa**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.
- FRANCH, Monica; QUEIROZ, Tereza Correia da Nóbrega. **Usos do espaço, lazer e sociabilidade nas praças de João Pessoa**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro, julho. 2009

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 13-41, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 45-68, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 104-132, 1989.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática.1991.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Objeto, Método e alcance desta pesquisa**. In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ed. Abril, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p.48-185 (Pensadores(os); v.43).

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p.285-436 (Pensadores(os); v.43).

ONUF, Nicholas. 1987. "Rules in Moral Development." *Human Development*. 30:257-67. *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations*.

ONUF, Nicholas. 1987. "Rules in Moral Development." *Human Development*. 30:367-67. *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations*.

WENDT, Alexander. 1987. "The Agent-Structure Problem in International Relations Theory," *International Organization* 31:335-70.

WENDT, Alexander. 1987. "The Agent-Structure Problem in International Relations Theory," *International Organization* 225:405-70.